



## **A Batalha de Sandra**

Uma Análise crítica do filme “Dois dias, uma noite”,  
de Jean-Pierre e Luc Dardenne

Num primeiro momento, o filme “Dois dias, uma noite”, de Jean-Pierre e Luc Dardenne (2014), parece ressaltar como tema central, a problemática do desemprego, uma das maiores preocupações e ameaça constante às pessoas-que-trabalham na Europa e no mundo em geral. A situação de desemprego expõe a proletariedade em sua dimensão extrema, pois salienta a subalternidade estrutural, o *acaso* e a *contingência* - enfim, a insegurança radical das individualidades pessoais diante do mundo histórico do capital. O tema do desemprego está presente como espectro que ronda as pessoas-que-trabalham nas condições históricas do capitalismo global.

Entretanto, no filme dos Irmãos Dardenne, o tema do desemprego se subordina à temática da *solidariedade de classe*, valor moral-político em extinção na era do capitalismo manipulatório. Portanto, podemos considerar como eixo temático principal do filme, a problemática moral da *solidariedade* entre as pessoas-que-trabalham diante das estratégias empresariais de gestão da força de trabalho na era da globalização. O

capitalismo neoliberal, movido pela lógica do mercado e impulsionado nos locais de trabalho pelo espírito do toyotismo e a “captura” da subjetividade, promove a ideologia do individualismo particularista, que visa operar a dessubjetivação de classe e a imersão egoísta das pessoas que trabalham no seu particularismo estranhado. Cada um só pensa em si e na sua família, renegando os laços humanos e de classe com o Outro-como-próximo. Ao colocar como problemática o tema da solidariedade de classe, o filme “Dois dias, uma noite” expõe o vínculo orgânico entre exacerbação da *gestão manipulatória do trabalho vivo* na era do capitalismo neoliberal e a saliência de *dilemas ético-morais* que dilaceram as pessoas-que-trabalham.

O cinema humanista de Jean-Pierre e Luc Dardenne caracterizam-se por *filmes realistas* que expõem temáticas centrais do nosso tempo histórico (“A Promessa”, 1996; “Rosetta”, 1999; “O Filho”, 2002; “O silêncio de Lorna”, 2008; “A Criança”, 2005; “O Garoto da Bicicleta”, 2011); . São cineastas do humanismo social das pessoas comuns que buscam não apenas sobreviver n mundo do capital, mas encontrar a felicidade. Por isso, a questão moral se interpõem nas narrativas fílmicas dos Dardenne. Eles tratam de modo intimista e pessoal de problemáticas verdadeiramente histórico-mundiais. O denso realismo social impede que eles caíam no intimismo pequeno-burguês.

O filme expõem com candência as relações sociais e humanas de operários e operárias da *equipe de trabalho* de uma pequena empresa de painéis solares, onde o capital exerce sua gestão hegemônica. Entretanto, a narrativa fílmica não se passa no local de trabalho, mas sim no âmbito da reprodução social, o território da vida cotidiana, onde a operária Sandra, a personagem principal, irá buscar convencer seus colegas de trabalho a renunciarem ao bônus oferecido em troca da demissão dela. Portanto, o filme aborda o território social onde se colocam na vida cotidiana, os dilemas ético-morais das pessoas-que-trabalham, o espaço privilegiado dos interesses *particularistas* das individualidades pessoais e suas famílias, em contraposição aos interesses *universalistas* da classe e do gênero humano representado pelo drama humano de Sandra.

Ao buscar convencer seus colegas de trabalho a renunciarem ao bônus oferecido em troca da demissão dela, a operária Sandra busca mobilizar não apenas a consciência de classe *em-si* (sindical) ou *para-si* (política) das pessoas, mas a *consciência de classe para além-de si*, a consciência *ético-moral* da genericidade humana. O que se coloca em questão é a *fratura* do coletivo de trabalho subsumido à lógica da *equipe de trabalho*, e a

*degradação da pessoa humana* da personagem Sandra, mulher e operária lesionada pelo trabalho estranhado.

O capitalismo neoliberal provoca profundos dilemas ético-morais na medida em que se baseia numa dinâmica social caracterizada pela *manipulação reflexiva* e a *degradação da pessoa humana-que-trabalha*. A *crise do trabalho vivo* não possui apenas uma dimensão salarial, mas implica também, hoje mais do que nunca, uma candente *dimensão moral* que mobiliza as disposições (e escolhas) ético-morais das pessoas humanas-que-trabalham imersas no mundo social dos *valores-fetiches* (valores que conduzem - oprimem e dilaceram - as *individualidades pessoais de classe*). O capitalismo manipulatório se caracteriza pela disseminação de sonhos, utopias de mercado e valores-fetiches que lastreiam as carreiras profissionais, o consumo de marcas e o individualismo moral, demonstrando que a reprodução social do capital na era do capitalismo global ocorre provocando curto-circuitos ético-morais na medida em que os valores-fetiches se interpõem ao desenvolvimento do ser genérico do homem.

Na verdade, com o capitalismo manipulatório explicita-se numa dimensão candente, *conflitos de valores*, na medida em que os valores sociais do capitalismo neoliberal, baseados no egoísmo moral, afirmação individual da carreira profissional, ensimesmamento e consumo de marcas entram efetivamente em colisão com valores humanos fundamentais como o valor da *solidariedade de classe* ou *solidariedade humano-genérica*. Portanto, o filme "Dois dias, uma noite" expõe um cenário de intenso *conflitos de valores* morais entre as pessoas.

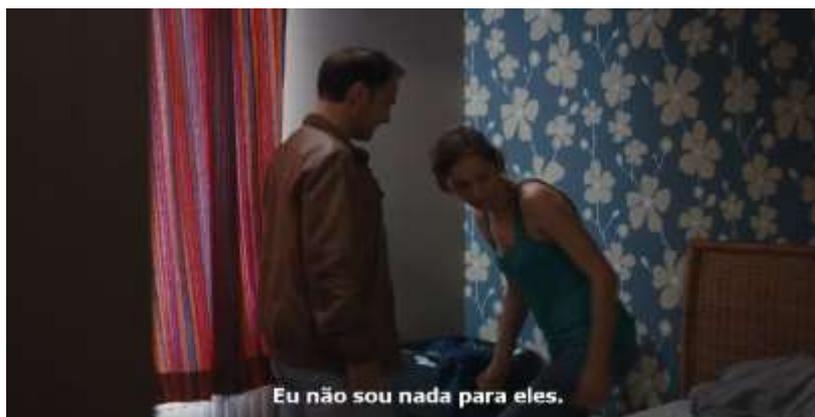


O que assistimos no filme é o resultado do novo metabolismo social do trabalho que mobiliza cada vez mais, a dimensão ético-moral das pessoas. No mundo do capitalismo manipulatório requisita-se à exaustão a *espiritualidade*, matriz da reserva ético-moral das pessoas. Entretanto, ao invés de se consumir a plena negação do ser humano como ser genérico (a morte do Homem), percebemos, pelo contrário, um campo de disputas e conflitos morais-políticos entre as pessoas-que-trabalham. Nem tudo está perdido. A esperança é uma categoria ontológica do *ser que dá respostas*. De modo peremptório, existe a esperança de reconstituir nos interstícios da vida cotidiana, os laços humanos dilacerados pelo capital. Este é o conteúdo da narrativa: a exposição de um processo pessoal dilacerante onde Sandra busca exercitar o *convencimento e afirmar a genericidade humana* no seio da negatividade impositiva do metabolismo social do capital expressa nas atitudes particularistas de alguns colegas de trabalho.

A narrativa do filme “Dois dias, Uma noite” cativa nossa atenção por tratar-se de uma pequena batalha pessoal pela Humanidade. Sandra é quase um Carlitos da era pós-moderna – um Carlitos-mulher, depressivo e triste, mas corajoso, tenaz e persistente. É isso que nos emociona – nós nos identificamos com a personagem Sandra, com suas fraquezas e potências diante da dureza do mundo social do capitalismo global. A *requisição da solidariedade humana (e de classe)* é o fio condutor do horizonte narrativo. Cada interpelação que Sandra faz com colegas de trabalho é um apelo de solidariedade pessoal.

O conceito de *solidariedade* é um conceito moderno. Dois interpretes privilegiados do mundo moderno (Marx e Durkheim) utilizaram o conceito de solidariedade. No caso do sociólogo francês Émile Durkheim, tratou-se da solidariedade orgânica baseada na divisão social do trabalho e que se expressaria na consciência coletiva. A solidariedade em Durkheim não é um valor ético-moral, mas um mero atributo sociológico do organismo social. Na sociologia de Durkheim, o *individuo* não está posto. Apenas a *sociedade* (ou o fato social) se impõe – exterior, coercitivo e geral. Entretanto, foi Karl Marx que soube apreender a contradição viva do nosso tempo histórico na dialética individuo-ser social. A solidariedade como valor moral em Marx nasce no seio da sociedade burguesa – a sociedade da concorrência - por meio da ação do proletariado organizado que, ao unir-se

na luta de classe, rompe com o egoísmo burguês e adota os valores ético-políticos *de classe*. Na verdade, a condição existencial de proletariedade continua, como pressuposto, a matéria social que poderia propiciar a solidariedade de classe, solidariedade efetivamente humana posta como pressuposto ético-moral da consciência de classe contingente e necessária. A revolução social é um ato de solidariedade histórica.



Em Durkheim, o problema da solidariedade remetia ao problema da ordem burguesa. Pela educação moral dever-se-ia construir a *solidariedade orgânica* no sentido da preservação da coesão social pressuposta objetivamente numa sociedade complexa de alta divisão social do trabalho. A solidariedade moral é um elemento orgânico pressuposto na divisão social do trabalho das sociedades modernas que deve ser mobilizado subjetivamente pela educação moral. Durkheim nega a luta de classes. Entretanto, a modernidade burguesa, construto social e totalidade viva da liberdade de mercado, continua, em si e para si, forças anômicas que deterioram o organismo social. Durkheim sabia disso: o *terror da anomia* ou a explicitação da luta de classes, a desordem social, perseguia as sociedades industriais. Como positivista, Durkheim era obcecado pela ordem social. No catecismo positivista, o Progresso pressupunha a Ordem; e a Ordem, a solidariedade orgânica como cimento ideológico – de base objetiva - que subsumia o indivíduo à sociedade. Deste modo, para o sociólogo francês conservador, diante das forças anômicas do mercado voraz, o Estado surge como agente moral de concertação (e coesão) social.

Na era do capitalismo global, impõe-se a lógica neoliberal. Os valores do mercado tornaram-se hegemônicos e as narrativas pessoais se diluem no fluxo do acaso e

contingência. Na era da globalização neoliberal, manifesta-se com vigor a natureza individualista da modernidade do capital. A *fragmentação do proletariado* – diga-se de passagem, *fragmentação ético-moral e política* - é sintoma da deriva ideológica do nosso tempo histórico. No filme “Dois dias, uma noite”, Sandra é uma naufraga do capitalismo flexível, sistema social cuja *insensibilidade* com o destino das pessoas comuns, compõe seu *ethos* hegemônico. Na verdade, a moralidade do capitalismo flexível é a *moralidade catastrófica* tendo em vista que é incapaz de resgatar as possibilidades concretas de desenvolvimento da genericidade humana – e pior: promove a obliteração do desenvolvimento da personalidade humana na etapa mais avançada do processo civilizatório. Eis a contradição fulcral do capitalismo do século XXI, verdadeira expressão do estranhamento social.

A perda de *solidariedade moral*, cimento ideológico do pertencimento de classe e reconhecimento ético-moral do em-si e para-si do gênero humano, é o problema moral mais crucial da classe do proletariado. Karl Marx, e também Friedrich Engels, V. I. Lenin e Antônio Gramsci, dentre outros marxistas clássicos, demonstraram que apenas a *união do proletariado* é capaz de propiciar um campo de desenvolvimento das individualidades pessoais subsumidas à *classe social* ou à condição existencial de proletariedade. Enfim, sozinhas, desprovidas de laços ético-político com o em-si e para-si da classe, as individualidades humanas naufragariam nas profundezas da contingência do mercado. Nesse sentido, a crise do trabalho vivo decorre do processo histórico de dessubjetivação de classe que caracteriza o capitalismo neoliberal e que promovem não as individualidades pessoais, mas sim, as individualidades de classe, alienada de si e dos outros (o inferno do particularismo).



É o processo de *individualização das relações sociais* levado a cabo pelo metabolismo social do capitalismo neoliberal, onde cada indivíduo humano perde seus laços de memória pública e experiência pessoal com os *coletivos organizados*, que faz com que as pessoa naufraguem nos interesses particularistas de si e da família. Cada individualidade pessoal de classe é reduzida aos seus interesses *particularistas*. Manifesta-se, deste modo, o fenômeno da *crise de sentido* e a afirmação do *ensimesmamento*. Por trás da “modernidade líquida” de Zygmunt Baumann, temos não apenas o fenômeno da “vida líquida”, mas o que denominamos fenômeno da “vida reduzida”, que reduz tempo de vida a tempo de trabalho e promove a perda dos laços de solidariedade, reforçando as perspectivas morais do individualismo possessivo. Estamos diante de um sintoma de degradação da pessoa humana-que-trabalha que se expressa pela deterioração dos territórios do *self* pessoal (subjetividade, intersubjetividade ou alteridade; e individualidade). A “captura” da subjetividade do trabalho vivo, por meio da *lógica gerencialista* e dos *consentimentos espúrios* dos sujeitos-que-trabalham, operam a *corrosão* da alteridade do outro e a degradação da sociabilidade, ao mesmo tempo que interditam nos sujeitos humanos, a apropriação de objetivações civilizatórias representadas na *cultura*, objetivações sociais civilizatórias capazes de permitir a passagem da *singularidade humana* à *personalidade única*.

A manipulação social por meio da indústria cultura assumiu hoje dimensões epidêmicas, instaurando nas multidões de proletários, a *deformação dos sentidos humanos*. A barbárie social é a deformação e deterioração dos sentidos humanos. Como Gregor Samsa no conto “A metamorfose” de Franz Kafka (1915), podemos um dia, pela

manhã, acordar “de sonhos intranquilos e encontrar-se metamorfoseado num inseto monstruoso”. Na verdade, a imbecilização cultural tornou-se fato social do nosso tempo histórico. Na verdade, a degradação da pessoa humana-que-trabalha é o traço radical da era da barbárie social. Portanto, a crise do trabalho vivo é a *crise da personalidade humana*, que aparece como crise do desenvolvimento humano como ser genérico.



O filme “Dois dias, uma noite” expõe a lógica da *empresa flexível* que visando reduzir custos de produção diante da concorrência exacerbada provocada pela entrada da China no mercado mundial, busca reduzir (e precarizar) a força de trabalho. É a força da concorrência que faz o capitalismo flexível recorrer com frequência ao *downsizing*. No filme dos irmãos Dardenne, a empresa utiliza uma estratégia curiosa (e perversa) para *legitimar* a redução dos quadros de assalariados. A empresa demite a operária Sandra que estava se recuperando de um afastamento por conta de depressão e oferece um bônus salarial para os demais operários. Entretanto, a empresa admite rever a demissão de Sandra desde que a maioria dos operários, numa votação, decida renunciar ao bônus salarial. A idéia *perversa* é que, cada operário e cada operária, colega de Sandra no local de trabalho, vote se aceita o bônus salarial ou a permanência do emprego da colega de trabalho. Sandra tem dois dias e uma noite para convencer os colegas de trabalho a renunciarem ao bônus salarial e salvar o emprego dela.

O filme “Dois dias, uma noite” expõe o compartilhamento moral da insensatez humana que é própria do capitalismo neoliberal. Na verdade, o sistema do capital compartilha supostamente não apenas “lucros e resultados”, mas compartilha e dissemina

culpa e responsabilidade moral pela degradação humana provocada pelas suas estratégias de organização do trabalho. Eis a lógica da “captura” da subjetividade: a subjetividade é, acima de tudo, intersubjetividade. O capital “captura” a subjetividade do trabalho vivo quando dilacera os laços sociais de solidariedade nos coletivos laborais. Uma das atitudes incentivadas pela lógica gerencialista é renunciar à moralidade coletiva e assumir uma *moralidade individualista*, baseada na aceitação ético-moral dos valores-fetiches (sucesso, carreira profissional e consumo de marca). Deste modo, cada pessoa que trabalha incorpora em si, o *ethos* da concorrência que caracteriza o movimento dos *múltiplos capitais*. A lógica do capital reduz a demissão de Sandra ao aumento - fugaz pois se trata de um bônus salarial - da capacidade aquisitiva dos operários e operárias que permaneceram na empresa. O capital operou uma redução quantitativa no horizonte cognitivo das pessoas (é o fenômeno da reificação, onde a demissão de Sandra = bônus salarial).

O filme “Dois dias, uma noite” se inicia com Sandra, a personagem central, deitada na poltrona da sala dormindo. Ela está saindo de uma profunda depressão que lhe obrigou a pedir licença-saúde da empresa. Ela apresenta-se desde logo como uma personagem fragilizada pelo adoecimento laboral. Sandra é o elo humano mais fraco de um ambiente de trabalho adoecido (a adoção da lógica gerencialista é uma verdadeira praga nas empresas capitalistas na França, levando, por exemplo, Vincent De Gaulejac a escrever o livro “Gestão como doença social”).

O telefone celular de Sandra toca insistentemente. Ela levanta-se. É sua amiga Juliette que lhe comunica sua pequena tragédia pessoal: a votação entre os colegas apontou que a maioria preferiu o bônus em troca da demissão dela. Juliette insiste que ela pode pedir uma nova votação na segunda-feira, dando tempo para reverter o voto, conversando com cada colega no final de semana. Ela tem, deste modo, dois dias e uma noite para fazê-los voltar atrás. Mas Sandra, fragilizada pela depressão que levou a pedir licença-saúde e afastamento do trabalho, num primeiro momento, desaba emocionalmente com a notícia. Falta-lhes força para reverter a votação. Foi renegada pelos colegas de trabalho. Entretanto, o namorado procura ampará-la, incentivando a lutar pela sua vaga de emprego. Esta será a *batalha moral* de Sandra.

Por outro lado, a empresa percebeu no período de ausência de Sandra por afastamento por motivo de saúde, que poderia dispensá-la sem afetar a produtividade do

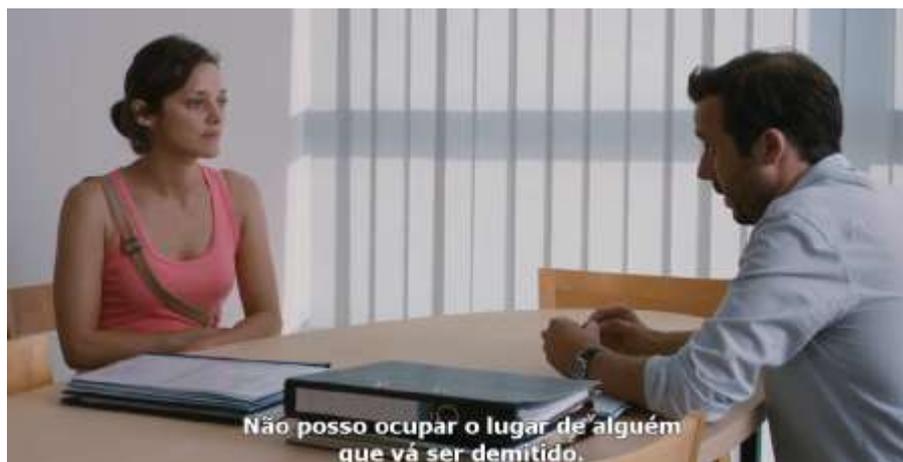
trabalho. Por isso, visando reduzir custos de produção, a empresa decidiu enxugar em 1 operário a equipe de trabalho. Na verdade, mesmo sem saber, os colegas de Sandra demonstraram a sua redundância no local de trabalho. Na medida em que a produtividade do trabalho não foi afetada pela ausência de Sandra, pois seus colegas de trabalho conseguiram incorporar a produção dela pelo aumento da intensificação do trabalho, Sandra tornou-se *redundante*. Ao mesmo tempo, além de ser redundante, Sandra possuía um estigma – o estigma da depressão ou estigma da doença do trabalho – que pesou na decisão da empresa em demiti-la.

No primeiro momento do filme “Dois dias, uma noite”, Sandra aparece em destaque como sendo uma mulher que está se curando da depressão e que, numa certa tarde, recebeu a notícia de que provavelmente irá perder o emprego. É o momento da *queda e desalento* de Sandra, amparada pela amiga Juliette e pelo namorado Manu. Sandra conseguiu, com o apoio da amiga, a permissão da chefia da empresa para refazer a votação e assim, garantir seu emprego, caso a maioria desista do bônus salarial. Portanto, naquele momento, o apoio moral da amiga e do namorado tornou-se fundamental, preparando Sandra para a sua batalha pessoal que ocorreria durante dois dias e uma noite. Apesar da dureza do mundo do capital, existe ainda solidariedade humana como recurso (e reserva moral) de resistência à barbárie social.

No segundo momento do filme, assistimos a *odisseia* de Sandra, que visita cada colega de trabalho buscando convencê-los a votar a favor dela quando a empresa recolocar em pauta as duas opções: a permanência de Sandra no quadro de empregados ou o bônus salarial de mil euros para cada trabalhador. Assistimos a agonia pessoal de Sandra se reiterando a cada visita. Ela precisa de coragem e tenacidade para confrontar o particularismo de cada personagem, colega de trabalho. Na verdade, cada visita que Sandra faz a um colega de trabalho, é uma imersão num universo particular de relações pessoais e familiares.

Existe um processo de *desfetichização* das pessoas que trabalham, que aparecem expostas na sua vida cotidiana e nas suas problemáticas existenciais. Não são apenas força de trabalho, mas trabalho vivo com seus dramas humanos singulares. A visita de Sandra é apenas o *fato catalisador* que expõe a miséria humana de cada personagem. Os Irmãos Dardenne se utilizam do conflito externo no trabalho (a provável demissão de Sandra) para trazer à tona problemas internos da vida pessoal de cada personagem (a

depressão de Sandra, o casamento infeliz de uma personagem, a péssima relação entre pai e filho de outro personagem, etc). Cada visita de Sandra expõe dramas humanos de cada colega de trabalho que ela desconhecia. Existe um complexo de estranhamentos sociais singulares em cada relação de casal, família, relações de pais e filhos, irmãos, e dramas de imigrantes, etc.



O filme “dois dias, uma noite” expõe a dialética entre *aparência* e *essência* da realidade social. Na sociedade do fetichismo social, um bônus salarial não é apenas um bônus salarial. Num primeiro momento, no plano da *aparência*, o bônus salarial aparece como uma oferta generosa da empresa. Todos os trabalhadores do mundo ficariam felizes com 1.000 euros de bônus salarial ao término do mês, um dinheiro a mais para ser investido em projetos familiares ou pessoais diversos. Todavia, o bonus salarial não é apenas uma quantia em dinheiro, mas representa a demissão de uma empregada da empresa – uma pessoa humana-que-trabalha. Eis o lado oculto no plano da consciência moral de cada um; ou o lado que cada quer esquecer ao usufruir daquele dinheiro a mais.

O *fetichismo do bônus salarial* coloca para cada um, a candente interrogação: *o que você faria?* - título em português do interessante filme “El método” (2005), de Marcello Pineyro, que trata das estratégias capitalistas de manipulação da subjetividade de pessoas humanas durante um processo de seleção de candidato para empregados de uma firma. A *intimação manipulatória de caráter moral* é flagrante, pois coloca sempre a pessoa ou a personalidade viva diante de dilemas morais que a implicam subjetivamente com uma dada situação pessoal desconcertante ou constrangedora. Enfim, a

manipulação reflexiva do capital impõe sempre dilemas morais. Como disse Lukács, o homem é um ser que dá respostas. Estas respostas são dadas na vida cotidiana. Esta perene afirmação condensa a natureza ético-moral da práxis humana.

No filme “Dois dias, uma noite” percebemos o processo de *amadurecimento e despertar* de Sandra na medida em que as visitas acontecem. Trata-se de uma odisséia pessoal pelo vasto mundo dos homens sob o domínio do capital. É um aprendizado de Sandra. Nesse caso, temos um desfile de personalidades às mais diversas que expõem os conflitos humanos quando as pessoas são submetidas a dilemas morais derivados do universo monetário. O dilema moral proposto por Sandra a cada empregado, colega de trabalho, provocou um complexo de interrogações íntimas que explicitou o que cada um efetivamente é - em si e para si - como pessoa humana (por exemplo, a intimação moral de Sandra precipitou a separação de uma colega de trabalho que vivia um casamento infeliz). É dando respostas na vida cotidiana que nós manifestamos o que efetivamente somos como pessoa humana. Na verdade, Sandra radiografou a alma de cada personagem obrigado a escolher entre o bônus salarial ou a manutenção do emprego da colega de trabalho. Ao responder, o sujeito se afirma, sendo ele mesmo e, ao mesmo tempo, tornando-se outro.

As opiniões e reações dos colegas de Sandra se dividem entre compreensivas e arreadas. Aqueles que negam voltar atrás em sua decisão pela bonificação salarial têm justificativas na ponta da língua para tal e elas soam sempre legítimas. Ao mesmo tempo, presenciamos Sandra tão vulnerável, tão dependente de um ato de bondade alheia, apegando-se ao seu emprego, sabidamente, um signo importante da dignidade alheia na sociedade do trabalho.

Um detalhe importante: a luta de Sandra pelo emprego se contrasta com uma dimensão oculta do filme: a *precariedade contratual dos operários imigrantes* – negros imigrantes excluídos da sociedade salarial. Um dos operários precários, colega de trabalho de Sandra, se dispôs a votar nela, apesar da sua condição salarial precária. O operário precário, negro e imigrante, expressa sua solidariedade à Sandra. Depois ela irá recompensá-lo quando renuncia ao emprego – mesmo que Sandra não tenha conseguido a maioria dos votos dos colegas de trabalho, a empresa decide não demiti-la, mas sim, demitir o operário precário. Ao saber desta *troca espúria*, Sandra renuncia ao emprego para preservar a vaga do operário imigrante precário. Trata-se de uma atitude moral digna

que alimenta (e fortalece) sua Humanidade. Sandra venceu a batalha pessoal contra a barbárie social – a única vitória verdadeiramente digna no século XXI.

Em muitas línguas, os falantes indicam a sua profissão (ou emprego) usando o verbo *ser*, como é o caso do português e do inglês, gerando frases do tipo “Eu sou bancário” ou “eu sou metalúrgico” ou ainda, “eu sou arquiteto” (por exemplo, no italiano, a mesma ideia pode transmitida pelo verbo *fazer*, o que sugere que uma profissão ou emprego é feita e pode ser algo temporário). Nas línguas em que se usa o verbo *ser*, como o português, é como se o emprego ou a profissão fosse parte da natureza de uma pessoa. Na verdade, a disputa moral pelo emprego na sociedade do trabalho abstrato coloca em questão o próprio Eu, o que explica a luta de Sandra e sua vulnerabilidade diante dos outros colegas de trabalho. Entretanto, no final, Sandra demonstrou que ela não é o emprego dela. Ela fez uma opção pela Humanidade.

A odisséia pessoal de Sandra se parece, por exemplo com o percurso de Fred, interpretado por Burt Lancaster no filme “O enigma de uma vida” (The swimmer), de Frank Perry e Sidney Pollack (1968). Entretanto, o processo de desvelamento pessoal (e interpessoal) de Sandra possui uma dimensão catártica, o que não ocorre com o de Fred que apenas se conclui com sua tragédia pessoal. Cada piscina que ele atravessa, o conduz a sua própria miséria humana, o que é totalmente diferente de Sandra onde seu processo de casa em casa, contribui para sua superação.

Existe uma passagem curiosa do filme quando Sandra ao bater numa das casas, a moradora pergunta: “É Testemunha de Jeová?”. Sandra diz que não. As Testemunhas de Jeová tem a prática de ir de casa em casa, pregando o Reino de Deus. Mas Sandra não é Testemunha de Jeová, mas sim, Testemunha de Sandra, testemunha de si. É um percurso de resgate de si posto não como uma divindade alienada (Jeová), mas como um ser humano-genérico.

Como vimos acima, para que Sandra pudesse manter seu emprego, a condição fundamental era que ela deveria *convencer* seus colegas a desistir de um bônus salarial prometido a todos em troca de seu emprego. Naqueles dois dias e uma noite, Sandra trabalha - ela precisa exercer uma *ação ideológica* de caráter moral, fazendo cada um desistir de um montante de dinheiro (1.000 euros), renunciando, deste modo, ao seu particularismo egoístico. No mundo do capital, isto é uma tarefa hercúlea - no sentido literal. Um trabalho de Hércules, ou melhor, uma missão superior às tarefas dadas pelos

deuses a Hércules. Sandra retira forças - morais e espirituais - de onde acreditava não ter e conta com o auxílio do namorado Manu (Fabrizio Rongione) que cuida dos filhos do casal. Ela também precisa convencer a si que pode executar este trabalho de Hércules. É, como salientamos, uma *odisseia catártica*.

O capital provoca as pessoas a darem *respostas*. Trata-se de um processo contraditório, pois as individualidades pessoais de classe, *personalidades complexas*, ou saem fortalecidas do embate de classe - trata-se sim, de uma forma de luta de classe, luta ideológica, de caráter ético-moral, contingente e residual, mas efetiva; ou afundam de vez no lamaçal da barbárie social. Esse processo de disputa pela *self* pessoal ocorre entre o capital e seus empregados e entre os próprios empregados. Este é o verdadeiro território de disputa de classe na era do capitalismo manipulatório. É como se o capital *deslocasse* as contradições que caracterizam seu movimento de auto-valorização para dentro de cada sujeito-que-trabalha. Estamos diante da subjetivação da luta de classe ou sua introjeção paradoxal no âmago das pessoas-que-trabalham.



Os Irmãos Dardenne não costumam pontuar as trajetórias de seus personagens com trilhas sonoras, e essa escolha pelo silêncio quase ininterrupto ao fundo das ações, costumeiramente, ajuda a produzir o efeito lacerativo de suas obras. Como o cineasta Éric Rohmer, os Irmãos Dardenne deixam a narrativa fluir apenas pelo som diegético, o próprio som da narrativa, sem uma trilha sonora incidental que compõem a narrativa. É expressão do realismo sonoro que reforça a densa humanidade de suas narrativas fílmicas.



No filme “Dois dias e uma noite”, há uma rara passagem musicada em que se vê uma expressão de alegria em Sandra, depois de mais uma visita a um colega. O detalhe irônico da cena é que a canção tem uma letra bastante pesada e pessimista, levando Manu a fazer menção de trocar a estação do rádio, mas Sandra diz que ouvir aquilo não lhe fará mal. A canção ajuda-lhe a compartilhar suas angústias, exercendo talvez um efeito positivo. É a função da arte de representar a autoconsciência da humanidade.

Presenciamos no decorrer da odisseia pessoal de Sandra, pequenos momentos de felicidade entre Sandra, o namorado e os filhos (por exemplo, através da comida e da música). Num primeiro momento, ela definha, mas posteriormente se fortalece, aceitando no final, o desemprego e resolvendo sair em busca de alguma outra coisa. Talvez a experiência trágica de Sandra tenha sido, ela própria, um elemento catártico que a projetou noutra dimensão existencial. Aqueles dois dias e uma noite a fizeram ser outra.

**Giovanni Alves (2016)**

Professor de sociologia da UNESP  
coordenador do Projeto Tela Crítica